

Janita Salomé com Orquestra Filarmonia das Beiras

25 De Abril | 17h00 | Parque Verde de Porto de Mós

A Orquestra Filarmonia das Beiras convida para este concerto um nome incontornável da música portuguesa das últimas décadas, Janita Salomé. Dirigidos pelo Maestro António Vassalo Lourenço será apresentado um programa com canções de todos nós na voz deste cantor, que são o retrato fiel de quem sempre viu na música emoções e não modas.

Tema	Cantor	
Semear Salsa ao Reguinho/Popular	Janita	(Recolha e adaptação de Vitorino)
Ana II	Janita	Vitorino/António Lobo Antunes
Redondo Vocábulo	Janita	José Afonso
Estrela do Vinho	Janita	Janita Salomé
Fragmentos	Janita	Janita Salomé
Alentejanas e Amorasas	Janita	Vitorino/Francisco Ramos
Utopia	Janita	José Afonso
Ode ao Vinho	Janita	Janita Salomé
Verdade ou Mentira	Janita	José Afonso
Passarada/Popular	Janita	(Recolha e adaptação Vitorino e Janita Salomé)
Homens do Largo	Janita	Vitorino
Traz Outro Amigo Também	Janita	José Afonso
Tardes de Casablanca	Janita	Janita Salomé / Hipólito Clemente
Outra Rosa	Janita	Janita Salomé/Hélia Correia
Bre sarica	Janita	Tema sefardita (tradição vocal judeu-espanhol-otomano)
Queda do Império	Janita	Vitorino
ENCORE		
Menina estás à janela/Popular	Janita	(Recolha e adaptação de Vitorino)
Vou-me embora vou partir/Popular	Janita	(Recolha e adaptação de Vitorino)

Orquestra Filarmonia das Beiras
Janita Salomé
 Ruben Alves, piano
 António Vassalo Lourenço, direção

ANTÓNIO VASSALO LOURENÇO | MAESTRO



Diretor Artístico da Orquestra Filarmonia das Beiras desde 1999 e do Coro Regina Coeli entre 1983 e 2008, é ainda responsável pelas classes de Coro e Direção da Universidade de Aveiro desde 1997. Com estes grupos tem dado particular atenção à música portuguesa, tendo realizado diversas estreias, primeiras audições modernas e gravações de obras de compositores portugueses.

Em 1996 terminou o mestrado em Direção de Coro e Orquestra pela Universidade de Cincinnati (EUA), onde também foi Assistente, tendo concluído o Doutoramento em Direção de Orquestra em 2005. Nesta universidade estudou Orquestração com Samuel Adler, Direção de Coro com Elmar Thomas, Earl Rivers e John Leman e Direção de

Orquestra com o Maestro e Compositor Gerhard Samuel e ainda com Christopher Zimmerman, de quem foi Assistente de Direção.

Frequentou cursos de Direção Coral em Portugal, Espanha, França e Bélgica, onde trabalhou com Manuel Cabero, Josep Prats (Barcelona), Erwin List (Strasbourg), Hélène Guy (Lyon), Edgar Saramago, Fernando Eldoro (Lisboa), Paul Brandevick (Boston), Johan Duijck (Gent) e Laszlo Héltay (Londres) e realizou também estudos de Direção de Orquestra, desde 1990, em Portugal, Espanha e França com Octave Calleya (Roménia), Jenő Rehácz (Hungria), Ernst Schelle (Alemanha) e Jean-Sébastien Béreau (Paris).

Foi Diretor Artístico do Festival Internacional de Música de Aveiro, entre 2000 e 2004 e, em 2006, criou o Estúdio de Ópera de Centro, projeto que tem desenvolvido importante atividade formativa e tem realizado produções de ópera por todo o país que incluem, para além da apresentação de importantes óperas de repertório, produções em português, ópera portuguesa e ópera para crianças.

Foi Diretor do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro entre 2011 e 2015.

JANITA SALOMÉ



João Eduardo Salomé Vieira nasceu na vila alentejana de Redondo. Janita, como ficará afectuosamente conhecido, é um dos mais novos dos cinco irmãos Salomé, todos eles herdeiros de uma forte tradição musical familiar que o pai incentivou; a tal ponto que todos eles passaram, amadora ou profissionalmente, por carreiras musicais.

Apesar de cantar desde os nove anos, a veia artística de Janita só é assumida aos 16 anos quando integra, como baterista e vocalista, o conjunto «Planície» (um grupo de baile) e, mais tarde, os «Vagabundos do Ritmo», que se dedicam a tocar versões de êxitos românticos da altura e de nomes estrangeiros incontornáveis como os «Beatles».

Mas, Janita não tinha ainda encontrado o rumo musical que desejava seguir. Esse apenas surgirá na sequência do 25 de Abril de 1974 e do seu encontro com a música de José Afonso, que o inspira a investigar e a trabalhar a tradição musical popular.

Depois de participar em discos de seu irmão Vitorino, que abraçara a tempo inteiro uma carreira musical, funda, em 1975, com ele e com os restantes irmãos, o Grupo de «Cantadores do

Redondo», que se dedica, ainda hoje, a perpetuar a tradição do cante alentejano.

Em 1980, Janita é recrutado por Zeca Afonso para o acompanhar em palco, profissionalizando-se como músico e abandonando o seu emprego de funcionário judicial.

No mesmo ano em que se junta ao grupo de Zeca Afonso, Janita grava o seu primeiro disco em nome próprio: «Melro» (1980), onde explora a tradição musical alentejana mas, numa inesperada opção, regista igualmente fados de Coimbra, cujo gosto lhe fora inculcido pelo pai que os cantara na sua juventude.

Nos discos que se seguem, encontra-se o rumo explorado pelo artista:

«A Cantar ao Sol» (1983, Sete de Ouro e Prémio Revelação das revistas Música e Som e Nova Gente), «Lavar em Teu Peito» (1985) e «Olho de Fogo» (1987, Troféu Nova Gente para o melhor intérprete masculino de música ligeira).

Por estes três discos, aclamados pela crítica, passaram músicos como Pedro Caldeira Cabral, João Gil (produtor de «A Cantar ao Sol» e «Lavar em Teu Peito»), Júlio Pereira, Rui Júnior, Carlos Zíngaro, José Peixoto (mais tarde músico dos Madredeus) ou José Mário Branco (responsável pela produção e arranjos de alguns temas de «Olho de Fogo»).

Durante este período, Janita experimenta o teatro, quer compondo música para algumas produções, quer surgindo como actor. A primeira incursão aconteceu com «O Esfinge Gorda», uma peça encenada por Mário Viegas, para a qual musicou um poema de Fernando Pessoa, que ainda hoje figura no seu repertório. Seguiu-se-lhe a criação musical para a peça «Margarida do

Monte», encenada por Hélder Costa, para o grupo A Barraca, onde participou também como actor ao lado de Maria do Céu Guerra.

Mais tarde, musicou uma versão livre da autoria de Rita Lello de um tema popular da tradição sueca, para a peça «A Menina Júlia», de August Strindberg, encenada por Juvenal Garcês para a Companhia Teatral do Chiado. Esta, foi porém, uma experiência que, em boa verdade, revisitou, depois de ter deixado a sua marca na banda sonora do filme «A Moura Encantada» (1985), com realização de Manuel Costa e Silva e argumento de António Borges Coelho, bem como, no documentário «O Pão e o Vinho» (1981), realizado por Ricardo Costa, em que participou como actor.

Em 1991, grava um álbum dedicado exclusivamente ao Fado de Coimbra, «A Cantar à Lua» e forma com os irmãos Carlos e Vitorino e a jovem Filipa Pais, os «Lua Extravagante», um colectivo vocacionado para o cruzamento da música tradicional portuguesa com a urbana.

Com «Raiano» (1994) retoma o percurso de cruzamento das tradições populares portuguesa e mediterrânea, agora sob a produção de Fernando Júdice (ex-Trovante). Este disco valeu-lhe o Prémio Blitz'94 para Melhor Voz Masculina.

Depois de uma longa ausência dos discos, Janita regressa com o álbum colectivo «Vozes do Sul» (2000), um trabalho de homenagem ao cante alentejano, inteiramente composto por modas tradicionais, o qual recebeu o Prémio José Afonso 2001, atribuído ao melhor álbum de música de inspiração popular portuguesa desse ano.

O álbum de estúdio «Tão Pouco e Tanto», editado em 2003, traz cinco temas inéditos e seis novas leituras para temas do seu repertório gravado. Este trabalho é altamente elogiado pela crítica especializada e entra na lista dos melhores discos do ano de 2003.

Em Março de 2004, Janita Salomé apresenta-o no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém. Uma noite inesquecível com convidados especiais como Jorge Palma, Vitorino e Pedro Jóia.

Na ocasião das comemorações dos 30 anos do 25 de Abril, Janita Salomé e o seu irmão Vitorino lançam o disco «Utopia», um registo dos dois concertos do CCB, de Fevereiro de 1998.

Dois concertos em homenagem a Zeca Afonso, o companheiro de muitos palcos e da vida, onde apresentaram composições menos conhecidas deste grande músico português. Após o lançamento do álbum, seguiram-se várias apresentações pelo País.

Actualmente, as referências musicais mantêm-se, mas Janita, reconhecidamente um experimentalista, já partiu em busca de outros cantes e outras sonoridades. «Vinho dos Amantes», editado pela Som Livre, em 2007, foi disso exemplo.

No tempo que medeia o trabalho anterior e o seguinte, ou seja em 2010, Janita envolve-se no projecto «Muxima», onde são recuperados temas interpretados pelo «Duo Ouro Negro».

O cante alentejano paixão que junta em palco Janita e Vitorino volta em 2012, com a edição de «Moda Impura», onde o cante alentejano se deixa envolver pelas composições musicais dos irmãos, sendo que alguns dos textos criados para o trabalho têm a assinatura do escritor António Lobo Antunes.

O ano que se seguiu foi dedicado à divulgação de «Moda Impura», com espectáculos em várias salas, designadamente no Coliseu dos Recreios de Lisboa e na Casa da Música, no Porto.

«Em nome da rosa», editado em Junho de 2014, trás a público oito inéditos compostos por Janita e ainda temas sefarditas de um cancionero pouco conhecido em Portugal.

Este trabalho com a chancela de «Disco Antena 1», foi laureado com o Prémio Pedro Osório 2015, instituído pela Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), cuja cerimónia de entrega decorreu no dia 9 de Março, como assinalou em directo a citada rádio pública.

«Al-Mu'tamid – Poeta rei do Al-Andalus», CD lançado no dia 14 de Março 2015, é uma homenagem ao poeta rei nascido em Beja, em meados do século XI.

Neste trabalho dedicado a figura tão proeminente da poesia árabe-andaluz, encontram-se músicos e cantores portugueses (Janita Salomé, Filipe Raposo e Joaquim Teles), marroquinos (El Arabi Serghini e Jamal Ben Jalal) e espanhóis (Eduardo Paniagua e Cesar Carazo).

Paralelamente, com esta participação, além do acompanhamento ao cante alentejano, Janita trabalha para o seu próximo CD, intitulado «Valsa dos Poetas», cuja edição terá lugar dia 20 de Abril de 2018...

RUBEN ALVES | PIANO



Músico, pianista e compositor, nascido em 1976, Ruben Alves iniciou os estudos musicais aos 5 anos de idade e, a partir dos 8 anos, começou a estudar piano. Aos 21 concluiu o curso geral de Música.

Completo a sua formação na área do jazz em Barcelona.

As suas inúmeras participações, a solo ou com outros artistas nacionais e estrangeiros, não se esgotam em espetáculos musicais, mas atravessam áreas tão diversificadas como o teatro, cinema (documentários e filmes) e televisão (programas, novelas, castings e concursos).

Com muitos anos de experiência pedagógica, leciona a nível privado e em instituições de ensino, desde a iniciação ao instrumento até aos níveis mais avançados, tendo realizado igualmente diversos workshops.

Nas áreas do cinema e da televisão participou com interpretações improvisadas nos Ciclos de Cinema Mudo da Cinemateca Portuguesa e, foi professor e pianista em programas televisivos. Acompanhou ao piano diversos cantores como Mariza e Fausto. Atualmente toca com Carminho, Cuca Roseta, João Gil e Rui Veloso. Na área do jazz tem desenvolvido trabalho de autor com os seguintes títulos: “Clara Madrugada” (2000) e “Súbito” (2008). Em 2012 lançou “Kolme”, em co-autoria com Carlos Miguel (bateria) e Miguel Amado (contrabaixo), e recentemente, “Kolme II” (2017). “Lúmen” é o seu último CD, um trabalho de revisitação a hinos religiosos.

ORQUESTRA FILARMONIA DAS BEIRAS



A Orquestra Filarmonia das Beiras (OFB) deu o seu primeiro concerto no dia 15 de Dezembro de 1997, sob a direção de Fernando Eldoro, seu primeiro diretor artístico. Criada no âmbito de um programa governamental para a constituição de uma rede de orquestras regionais, tem como fundadores diversas instituições e municípios da região das beiras, associados da Associação Musical das Beiras, que tutela a orquestra.

A OFB é composta por 23 músicos de cordas de diversas nacionalidades e com uma média etária jovem e, desde 1999, é dirigida artisticamente pelo Maestro António Vassalo Lourenço. Norteadas por princípios de promoção e desenvolvimento da cultura musical, através de ações de captação, formação e fidelização de públicos e de apoio na formação profissionalizante de jovens músicos, democratizando e descentralizando a oferta cultural, a OFB tem dado inúmeros concertos, além de desenvolver frequentes e constantes atividades pedagógicas (programas pedagógicos infanto-juvenis, cursos internacionais vocais, instrumentais e de direção de orquestra, etc.). Também sob estes princípios, apresenta, desde 2006, produções de ópera diversas (infantil, de repertório ou portuguesa).

Do seu vasto histórico de concertos constam participações nos principais Festivais de Música do país (Algarve, Aveiro, Coimbra, Estoril, Évora, Gaia, Guimarães, Leiria, Lisboa, Maia, Óbidos, Porto, Póvoa de Varzim, Festa da Música e Dias da Música do Centro Cultural de Belém) e do estrangeiro (Festival de Guyenne, França, em 1998, Festival de Mérida, Espanha, em 2004, Concurso Internacional de Piano de Ferrol, Espanha, como orquestra residente, em 2007) ou importantes cooperações e co-produções com outros organismos artísticos. São estes os casos de espetáculos no Coliseu de Recreios de Lisboa (com a companhia Cirque du Soleil, em 2000) e no Coliseu do Porto (concertos Promenade); da interpretação da música de Bernardo Sasseti para o filme “Maria do Mar” de Leitão de Barros, desde 2001; da execução da ópera infantil “A Floresta”, de Eurico Carrapatoso, numa co-produção com o Teatro Nacional de São Carlos, Teatro São Luís, Teatro Aveirense e Teatro Viriato, em

2004, reposta em 2008; das colaborações com a Companhia Nacional de Bailado na produção dos bailados “Sonho de uma Noite de Verão”, com o encenador Heinz Spoerli, em 2004 e, em 2006, “O Lago dos Cisnes” de Piotr Tchaikowsky, ambos sob a direção de James Tuggle. Em 2017, a OFB foi convidada a apresentar a banda sonora do cine-concerto “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, uma estreia em Portugal. Este espetáculo faz parte da série de filmes-concerto Harry Potter, promovida pela CineConcerts e a Warner Bros. Consumer Products, numa digressão global em celebração dos filmes de Harry Potter. Este cine-concerto foi dirigido pela maestrina americana Sarah Hicks.

Ao longo da sua existência, a OFB tem sido regularmente dirigida por alguns maestros estrangeiros e pelos mais conceituados maestros em atividade em Portugal e tem colaborado com músicos de grande prestígio nacional e internacional, de onde se destacam os violinistas Régis Pasquier, Valentin Stefanov e Wojciech Garbowski, os violoncelistas Irene Lima, Paulo Gaio Lima, Teresa Valente Pereira e Aliaksandr Znachonak, os flautistas Patrick Gallois, Felix Renggli e Istavn Matuz, os oboístas Pedro Ribeiro, Alex Klein e Jean Michel Garetti, os pianistas Pedro Burmester, Jorge Moyano, António Rosado, Miguel Borges Coelho, Gabriela Canavilhas, Adriano Jordão, Anne Kaasa, Valery Starodubrovsky e Valerian Shiukaschvili, os guitarristas Carlos Bonell, Alex Garrobé, Aliéksey Vianna, Jozef Zsapka, Paulo Vaz de Carvalho e Pedro Rodrigues, ou o saxofonista Henk van Twillert, assim como os cantores Elsa Saque, Elisabete Matos, Isabel Alcobia, Luísa Freitas, Patrícia Quinta, Paula Dória, Margarida Reis, Susana Teixeira, Carlos Guilherme, João Cipriano Martins, João Merino, Mário Alves, Nuno Dias, Rui Taveira, Tiago Matos, Luís Rodrigues, Jorge Vaz de Carvalho, Armando Possante, José Corvelo ou José Carreras, sendo que dois concertos realizados, em 2009, com este conceituadíssimo tenor constituirão, com toda a certeza, um marco para a história desta orquestra. Simultaneamente, tem procurado dar oportunidade à nova geração de músicos portugueses, sejam eles maestros, instrumentistas ou cantores.

Do repertório da OFB constam obras que vão desde o Século XVII ao Século XXI, tendo a Direção Artística dado particular importância à interpretação de música portuguesa, quer ao nível da recuperação do património musical, quer à execução de obras dos principais compositores do século XX e XXI. Aí se incluem estreias de obras e primeiras audições modernas de obras de compositores dos Séculos XVIII e XIX. Neste contexto, da sua discografia fazem parte orquestrações do compositor João Pedro Oliveira sobre Lieder de Schubert, a Missa para Solistas, Coro e Orquestra de João José Baldi e as 3ª e 4ª Sinfonias de António Victorino d’ Almeida, sob a direção do próprio (2009). Outras áreas musicais como a música para filmes ou o teatro musical são também incluídas, de forma a chegar ecleticamente ao público, através da colaboração com diversos artistas do panorama nacional onde se incluem Maria João, Mário Laginha, Bernardo Sasseti, Dulce Pontes, David Fonseca, Nuno Guerreiro, Mariza, Gilberto Gil, Carlos do Carmo, Alessandro Safina, Maria Amélia Canossa, Nancy Vieira, Paulo Flores, Rui Reininho, Camané, Luís Represas, Carminho, João Gil, Boss AC, Vitorino, Paulo de Carvalho, Rui Veloso, Gisela João ou *James*.

Estrutura Financiada pelo Ministério da Cultura / Direção-Geral das Artes:

